

Lula faz ironias ao pacote de Bush

Presidente brasileiro considerou que medidas adotadas não contentaram nem os americanos

**Karla Correia
Viviane Monteiro**
BRASÍLIA E SÃO PAULO

Em um dia de tensão nas bolsas de valores em todo o mundo, provocada pelo medo de uma recessão na economia americana, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou dos Estados Unidos responsabilidade para impedir que a crise naquele país se alastresse pelo resto do mundo e ironizou o pacote de medidas lançado pelo presidente George W. Bush, na tentativa de diminuir as chances de recessão.

— Essa crise, talvez seja alguma frustração para o pacote do Bush, que não contentou nem os americanos — alfinetou Lula. — Eu tenho dito publicamente que os EUA precisam assumir a responsabilidade para evitar que essa crise se alastresse e possa virar uma crise mundial. Não é possível que pessoas que não têm nenhuma casa nos EUA, que não têm nenhuma hipoteca, paguem a crise da irresponsabilidade de alguns que resolveram ganhar dinheiro fácil como se estivessem apostando em um cassino.

Juros

Em meio ao tombo de 6,62% da Bovespa, Lula disse que conversou com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e com o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Os três foram a público para tentar acalmar os ânimos no Brasil.

Ainda ontem, analistas do mercado financeiro não acreditavam mais na redução da taxa de juros neste ano. Para eles, a Selic ficará em 11,25% até dezembro, o mesmo índice de hoje. A previsão faz parte do boletim Focus do Banco Central. Poderá haver, até, um aumento “preventivo” das taxas.

Mantega disse que o mercado “ficou frustrado” com as medidas anunciadas pelo governo americano. Meirelles admitiu que o país não está imune à crise e prometeu tomar medidas, caso elas sejam necessárias, mas não especificou quais seriam essas ações.

Para Mantega, a crise poderá afetar o desempenho da balança comercial. Isso porque as turbulências podem influir no preço das commodities no mercado internacional e o Brasil é um grande exportador dessa categoria de produtos. Mas ele voltou a afirmar que o país está preparado.

— Os mercados estão mais nervosos. Talvez estejam um pouco frustrados com o que foi anunciado ou com o que ainda não foi anunciado pelo governo Bush — disse Mantega. — Eu diria que é um dia de quase de pânico porque as bolsas caíram muito no mundo todo. Isso traz um contágio, mas não quer dizer que amanhã será assim. As

Mercado já espera a interrupção da queda na taxa de juros Selic este ano

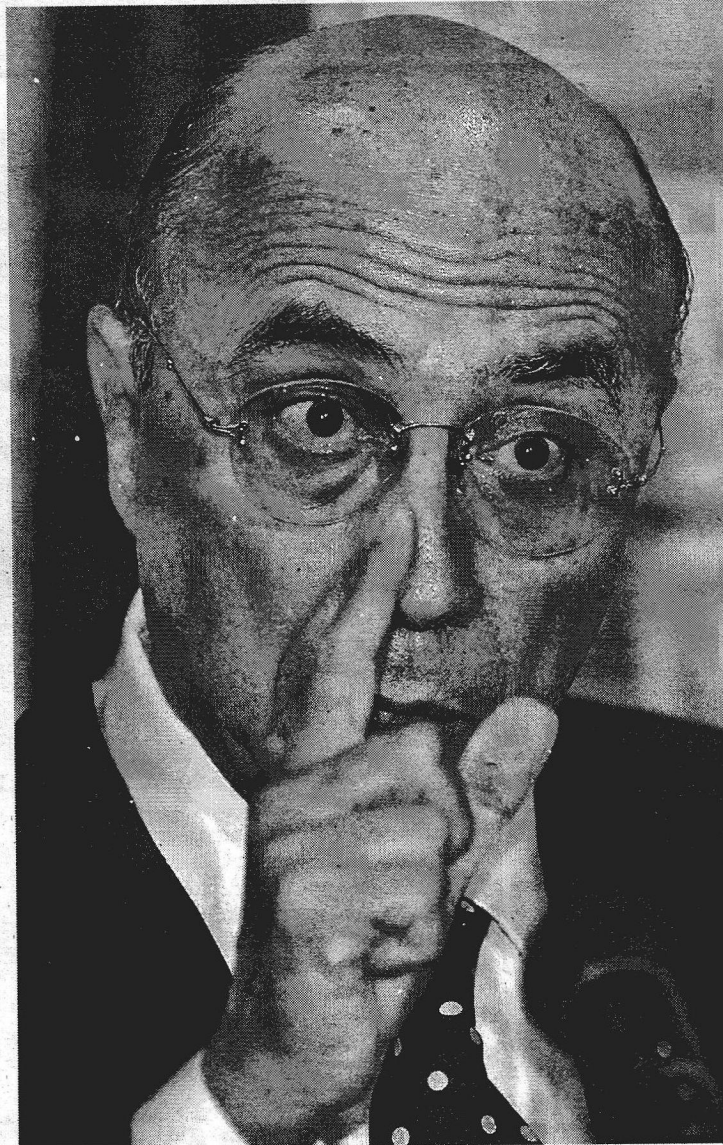
autoridades americanas deverão tomar medidas e reverter esse quadro. Mas no Brasil, por enquanto, não há necessidade de tomar medidas.

Esse também foi o tom de Meirelles, ao comentar a crise durante a posse da nova diretora do de Assuntos Internacionais, Maria Celina Berardinelli Arraes, ontem na sede do BC.

Temores

Para ele, o movimento de queda das bolsas em vários mercados ontem reflete o temor de uma deterioração nos EUA. Mas o governo tentou acalmar o mercado interno e reduzir os impactos da turbulência no país.

— Não temos a ilusão de que o Brasil está imune a desenvolvimentos externos, mas estamos mais preparados para enfrentar cenários adversos — disse Meirelles. — Nos últimos cinco anos, não desperdiçamos o bom momento do mercado externo. Nós estávamos pre-



Fabio Rodrigues Pozzebom/ABr

ALERTA — Meirelles disse que o Brasil não está imune à crise americana

parando para arrumar a casa.

Na avaliação de Meirelles, o Brasil está “preparado para atravessar a crise com serenidade” e as atuais turbulências no mercado mundial demonstram que o regime de câmbio flutuante é o mais adequado para o Brasil.

— Estamos preparados para uma turbulência externa e o regime de câmbio flutuante tem se mostrado o mais indicado para enfrentar pe-

ríodos turbulentos, como o atual. Não há atalho para o crescimento sustentado, não há como prescindir do equilíbrio — disse Meirelles.

Entre os atributos da economia que considera importante para superar o momento, o presidente do BC destacou, além do regime de câmbio e de metas de inflação e de responsabilidade fiscal. Segundo ele, o país fez uma “apólice de seguro” contra cenários adversos.